

A MANIFESTAÇÃO DO INSÓLITO NOS CONTOS DE COELHO NETO

THE MANIFESTATION OF THE UNUSUAL IN COELHO NETO'S SHORT STORIES

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e18608

Lucas Brasil Sousa Coutinho¹
Naiara Sales Araújo²

Resumo: O insólito é um termo que nomeia elemento narrativo e macro-categoria literária simultaneamente. O escritor Coelho Neto destacou-se no cenário brasileiro por produzir obras de cunho fantástico e utilizar diversos elementos insólitos, como objetos comuns, lendas e a própria ciência. Seus contos “A bola”, “O duplo” e “A sombra” são exemplos de narrativas fantásticas e objetos de análise deste trabalho, cujo objetivo é analisar e delimitar quais elementos constituem o insólito nas obras. O insólito predominante nos contos surge da banalidade.

Palavras-chave: Insólito; Coelho Neto; Contos.

Abstract: The unusual is a term that names a narrative element and a literary macro-category. The writer Coelho Neto stood out on the Brazilian scene for producing works of fantastic nature and using unusual elements, such as common objects, legends and science. His short stories "A bola" (The Ball), "O duplo" (The Double) and "A sombra" (The Shadow) are examples of fantastic narratives and are object of analysis in this paper that aims to analyze and delimit which elements constitute the unusual in his works. The predominant unusualness in the stories arises from banality.

Keywords: Unusual; Coelho Neto; Short stories.

Introdução

O presente trabalho surgiu pelo interesse em estudar e investigar as obras do escritor maranhense Coelho Neto, principalmente no que diz respeito à presença de elementos insólitos em suas narrativas. Os contos selecionados para análise foram: “A bola”, “O duplo” e “A sombra”. Todos publicados em seu livro *Contos da vida e da morte*, em 1927.

O autor foi um dos principais expoentes da Literatura Fantástica (LF) no estado do Maranhão. Influenciado por escritores como Mary Shelley e tendo vivido no contexto da *Belle*

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: lucasbrs2002@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9453-2141>.

² Doutora em Literatura Comparada e Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: naiara.sas@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9362-559X>.

Époque, Coelho Neto escreve a obra *Esfinge* (1908), em que desbrava o gótico, o cientificismo e evidencia as influências deixadas por *Frankenstein* (1818), de Shelley.

O sobrenatural, por sua vez, é frequentemente explorado em seus contos e o escritor se utiliza de diferentes ferramentas narrativas para estabelecer cenários inquietantes que, de alguma forma, rompem com a ordem natural do mundo. Todorov, em seu livro *Introdução à literatura fantástica* (2007), esquematiza esse fazer narrativo e seus desdobramentos nas formas do fantástico, do estranho, do maravilhoso e ainda em seus possíveis encontros ou subdivisões.

No entanto, Flavio García, teórico engajado na LF, questiona os limites dessa literatura e propõe, em 2007, através de um volume de ensaios organizado por ele, intitulado *A banalização do insólito: questões de gênero literário*, o conceito do “insólito”, para explicar e descrever, de modo abrangente, as obras que apresentam quaisquer eventos raros, mesmo aquelas que a tradição teórica não dá conta de abarcar.

Neste artigo, então, pretende-se observar como Coelho Neto constrói o “sobrenatural” nos contos selecionados, delimitando os elementos insólitos presentes neles, seus efeitos nas personagens e no leitor e explorando o que estipula Flávio García acerca dessas produções literárias permeadas de estranhezas e “acontecimentos incomuns”, sem, contudo, ignorar a tradição do fantástico de Todorov.

1 O insólito em Coelho Neto

O sobrenatural é um elemento considerado fundamental para a construção de narrativas fantásticas e para sua classificação como tal. Contudo, há vários caminhos possíveis para determinar o que é ou não sobrenatural. Observando que diversas obras desenrolam seu enredo em torno de um evento ‘provável’ ou ‘plausível’, que adquire caráter extraordinário no contexto ficcional, fez-se necessário encontrar um outro termo que abarcasse também estas possibilidades literárias.

Para Flavio García,

[...] os eventos insólitos seriam aqueles que não são frequentes de acontecer, são raros, pouco costumeiros, inabituais, inusuais, incomuns, anormais, contrariam o uso, os costumes, as regras e as tradições, enfim, surpreendem ou decepcionam o senso comum, às expectativas quotidianas correspondentes a dada cultura, a dado momento, a dada e específica experienciación da realidade (García, 2007, p. 20).

E seriam esses eventos os responsáveis por instaurar o que Todorov chama de “hesitação”, que nada mais é que a incerteza da natureza de um acontecimento extraordinário,

incerteza que parte da personagem, ou do próprio leitor. Quando um pendula entre a explicação racional — a ilusão, a loucura, o sonho — e a explicação sobrenatural — um acontecimento que não compõe a realidade empírica — é quando há a hesitação. Ainda de acordo com o teórico, ela pode variar em duração.

Para Todorov (2007, p. 47), “o fantástico dura apenas o tempo de uma hesitação”, mas no que ele define como maravilhoso, por exemplo, sequer há a hesitação, uma vez que o leitor é apresentado a um mundo regido por leis (des)conhecidas, onde as personagens têm a consciência disso e as aceitam como verdade. Nesse sentido, não é consenso entre os críticos utilizar a simples “hesitação” como delimitadora da literatura fantástica, uma vez que, para Antonio Marcos Pimentel

a hesitação como requisito da presentificação do fantástico fica à mercê das subjetividades tanto autorais quanto do leitor. E não nos parece, de fato, que isso não seja natural, já que é a subjetividade de cada um que conseguirá ler ou não sentidos, estranhar ou não significados, ainda que escritos sob uma rede de estruturas narrativas bem conhecidas e definidas (Pimentel, 2010, p. 09).

Por depender muitas vezes de uma subjetividade e por haver obras que se apresentam fantásticas de modo não convencional, García e outros estudiosos viram a necessidade de explorar a LF por outras óticas, e o “insólito”, que até então tem sido apresentado neste trabalho como elemento que compõe o fantástico, é considerado, por vezes, um macro-gênero que abarca todos os gêneros onde o insólito-elemento se faz presente, tais como o Maravilhoso, o Estranho, o Fantástico, o Absurdo, dentre outros.

1.1 “A bola” e o artifício da banalidade

Tendo em vista tais pressupostos, o primeiro conto aqui analisado é “A bola”, uma narrativa em primeira pessoa, em que o nome do protagonista narrador não é mencionado. A ambientação construída no início e no decorrer do conto se destaca pelo seu caráter sombrio, sobretudo gótico. O narrador, que descobrimos ser um escritor, acabara de chegar de uma viagem com a família e se hospeda no Hotel Metropole, nas Laranjeiras.

É dito que há vários quartos desocupados no hotel e, por isso, o proprietário cede um salão no térreo para o escritor e sua família. Os hóspedes eram poucos, idosas e crianças em sua maioria, e quase não permaneciam no hotel durante o dia. Assim, todos os detalhes contribuem para gerar no leitor a sensação de solidão, também experienciada pelo protagonista

que, apesar de acompanhado de sua família, é sempre retratado sozinho, salvo exceções, em um ambiente que parece ser grande demais e vazio demais.

Além disso, o personagem relata: “A minha saúde, sempre periclitante, equilibrada pela ciência e pelo desvelo carinhoso de Francisco Fajardo, enfermidades das crianças e, por fim, agravando a situação precária, a doença de minha mulher, tornaram-me os dias mais sombrios” (Neto, 1927, p. 69). A própria percepção do escritor acerca do fato de ele e toda sua família estarem acometidos por enfermidades revela uma atmosfera de “decadência”. Isto é, a declinação da saúde parece afetar as personagens, o recinto e o próprio convívio da família, que em poucos momentos interage entre si.

Assim, pela noite, quando lhe fugia o sono, o homem recorria ao trabalho para fugir das preocupações que o atormentavam e da constante permanência em seu “leito”. A relação do narrador com a escrita e, especialmente a poesia, constitui um ambiente seguro, que ilumina o sombrio que lhe envolve. Diz ainda que:

Enquanto eu escrevia no grande silêncio da casa adormecida não pensava no Destino que me armava ciladas terríveis ali dentro ... e lá fóra! Para conjurá-lo tinha eu comigo, presentes, ainda que invisíveis, duas boas fadas: a Poesia e a Esperança (Neto, 1927, p. 69).

A poesia, seu trabalho, é também esperança em meio ao desalento e o personagem parece crer que coisas ruins estavam lhe acontecendo ou prestes a acontecer. E, não equivocado, no momento seguinte presenciamos a introdução da “hesitação”, isto é, o evento anormal que carece de explicações e coloca o narrador e o leitor em estado de incerteza. Esse insólito, segundo Hiolene de Jesus Moraes Oliveira Champloni (2017, p. 618), “pode surgir nas brechas de sentido com que se depara o homem ao tentar decifrar o mundo em que vive”.

O momento, no conto, se dá quando, com a atenção posta em sua escrita, o personagem ouve um “estalido” vindo da sala. Trata-se de “uma bola branca, de celuloide”. Prontamente, ele infere a irrelevância daquele acontecimento, que deve ter sido ocasionado por algum dos vários ratos presentes na casa. E então surge, de fato, o insólito na narrativa:

Quanto ao movimento expliquei-o de prompto. Eram em quantidade os ratos na casa. Algum, de certo, rondando a bola e firmando-se-lhe no bojo, fizera-a deslizar no declive do soalho por onde viera até a cadeira em que eu me achava, ali parando. A explicação satisfez-me, e, sem mais cuidar do caso, retomei o fio da escrita, que interrompera. Ia por ele tranquilamente quando, de novo, ouvi o crebro estrépito. Baixei rápido o olhar. Era a bola que rolava tornando ao canto de onde saíra. Se, como eu me explicara, ela viera pela inclinação do soalho, como assim remontava vencendo o aclave? (Neto, 1927, p. 70).

O escritor continua com os olhos fitos na bola, que mais algumas vezes se move inexplicavelmente, como se fosse objeto animado. Por consequência, o momento não se prolonga, pois, sem “ânimo de continuar na solidão da sala” ele se recolhe para o seu quarto, numa tentativa de fugir do pavor instaurado por aquele acontecimento. No entanto, continua a ouvir os mesmos sons, como se a bola continuasse a se mover na sala, mesmo sem a sua presença.

Em seguida, o narrador relata que “Foi um alívio quando subitamente rompeu o silêncio o choro de minha filha. Era um som de vida, único naquela lúgubre quietação rondada pela Morte” (Neto, 1927, p. 71). O choro da criança que, segundo o narrador, atuou também como um “exorcismo”, é a primeira manifestação de um outro ser vivo além da figura do protagonista e a primeira manifestação da presença de sua família naquele ambiente.

Após conseguir finalmente dormir, o narrador acorda e dirige-se à sala para desligar a luz que deixara acesa e o momento final é narrado: “À porta, porém, estremeci aterrado: a bola, que eu deixara encurralada no ângulo da sala, achava-se debaixo da minha cadeira” (Neto, 1927, p. 72).

Além da ambientação macabra e carregada, da solidão do personagem e tudo que compõe o cenário gótico, o conto de Coelho Neto em questão se utiliza de um artifício interessante e que se destaca: a banalidade do evento. O insólito surge a partir do ordinário, ou como diria Ana Luiza Camarani (2014, p. 50): “o mundo cotidiano oscila em direção ao fantástico, o qual se enraíza na banalidade do dia a dia”. O que significa dizer que o fantástico pode encontrar lugar no corriqueiro e ali se estabelecer. Essa ação de ‘oscilar’ representa a tenuidade entre a banalidade diária e o surpreendente.

Champloni (2017, p. 623), por sua vez, afirma sobre a obra de Hoffmann que “o inexplicável está dissimulado no mais simples e banal cotidiano”, coisa que podemos afirmar também sobre Coelho Neto, quem parece entender tal afirmativa de forma excepcional, integrando em suas histórias cenários de vivências comuns aos leitores. O autor mostra que, se bem executado, o fantástico que se utiliza do ‘banal cotidiano’ é capaz de evocar no leitor o sentimento de hesitação de forma tão eficiente (ou até mais) quanto aquele que se utiliza de elementos mirabolantes e concretamente sobrenaturais, pois sugere uma espreita do sobrenatural no que aparentemente é natural.

A partir do momento que o narrador perde de vista uma explicação para o evento insólito, somos levados a crer que este objeto, supostamente inanimado de acordo com as leis naturais do mundo, deixou de lado essa inanição e adquiriu caráter animado. O sobrenatural

surge principalmente da dicotomia, apontada por Marisa Gama-Khalil (2021), “animado vs. inanimado” que parece causar efeitos semelhantes à dicotomia “humano vs. não humano”.

Quando o protagonista narra que o choro de sua filha irrompeu a quietação daquela casa “rondada pela Morte”, essa Morte, para além da entidade abstrata, pode referir-se à própria bola que, movimentando-se de um lado para o outro, figura como uma personagem capaz de aterrorizar as demais personagens da obra tal como faria qualquer outra entidade animada e monstruosa, como entidades fantasmagóricas, vampirescas etc.

A hesitação do conto prevalece até os últimos momentos, quando a bola é encontrada embaixo da cadeira da escrivaninha do narrador, e se estende para além do fim do conto. Não há nada que indique que os eventos foram ocasionados por alguma loucura ou por ilusões, descartando então a esfera do estranho. Também não é constatado o caráter sobrenatural da bola, descartando o maravilhoso. Permanecem, no entanto, os indícios desse caráter, deixando-nos num limiar entre o que Todorov chama de “fantástico puro” — uma vez que somos impossibilitados de solucionar o ocorrido — e “fantástico-maravilhoso” — pois o evento aparentemente não pode ser explicado por leis da natureza.

1.2 “O duplo” e o mito do *doppelgänger*

O segundo conto, “O duplo”, é narrado em terceira pessoa e se dá por um diálogo entre dois personagens: Benito Soares e o “coronel”, cujo nome desconhecemos. O primeiro está irritado, pois o segundo tomou conhecimento de uma história que Benito confidenciou à Laura, uma amiga. O conto abre com o coronel dizendo: “Temos, então, um caso de desdobramento da personalidade” (p. 111) e em seguida ele encoraja o outro a contar-lhe sua versão dos fatos.

Observamos mais uma vez a banalização do insólito na afirmação de Benito: “Contei a Laura a tal história como contaria um acidente qualquer de rua” (p. 112). Aqui, entretanto, não é propriamente o ocorrido que é banal, mas o valor que o personagem dá ao evento insólito. Provavelmente pela descrença ou pela incompreensão do que vivenciou, Benito é capaz de relatar sua experiência como se nada fosse, imputando uma certa distância entre si e a história.

Porém, o mesmo não parece acontecer no diálogo com o coronel, pois conforme narra mais uma vez o episódio, Benito é tomado de sentimentos e arrepios. O diferencial entre os dois contextos pode ser o fato de que no início da conversa o coronel mostra levar a sério o que seu colega tem a dizer, além de inspirar confiança e mostrar-se familiarizado com o sobrenatural:

— Mas, afinal, como foi? Comigo podes abrir-te sem receio. Sabes que, além de discreto, não sou dos que zombam do sobrenatural. Os fatos aí estão: produzem-se,

reproduzem-se e, se ninguém os explica, muitos dão deles testemunho e provas e eles, efetivamente, manifestam-se visível, sensivelmente. Os cépticos encolhem os ombros sorrindo, os adversários, à falta de argumentos com que os destruam, bradam contra os que os apregoam. A verdade, porém, é que nos achamos diante de uma porta de bronze que nos veda um grande mistério, ou melhor o Mysterio (Neto, 1927, p. 112-113).

Logo, Benito começa seu relato e sua primeira afirmativa é que passou os minutos mais angustiosos de sua vida, revelando outra vez o caráter abrupto e momentâneo do insólito. O personagem narra ter vivido um dia normal, em que comprara charutos, conversara com conhecidos na rua e, por fim, tomara seu bonde. E é neste lugar em que o insólito é introduzido, invadindo a normalidade do cotidiano de Benito e rompendo com as leis naturais que regem a realidade aparente:

O bonde partiu e, oprimido pelas duas enxúndias, dificilmente consegui abrir um dos jornais. Pus-me a ler, ou antes: a olhar a página porque, em verdade, a minha atenção vagueava, ia por longe. Os olhos passeavam pelas palavras, sem que o espírito lhes colhesse o sentido, como deve acontecer com os aviadores que vêm, de mui alto, todo o panorama de uma cidade em mancha, sem distinguir os bairros, as ruas, os edifícios, apenas o alvejamento das casas, a placa cintilante do mar, o relevo dos montes. Sentia-me atraído por alguma coisa. Voltei a página do jornal — a mesma confusão, o mesmo empastamento. Foi, então, que levantei a cabeça, olhando em frente e vi, meu amigo, vi.....!

— Viste ...?

— A mim mesmo, a mim! Eu, eu em pessoa, sentado defronte de mim, no banco da frente, que dá costas à plataforma. Era eu, eu! como refletido em um espelho. De certo estremeci vivamente, incomodando os meus companheiros laterais, porque ambos voltaram-se encarando-me de má sombra. (Neto, 1927, p. 114).

Apresentado desde o título do conto, “o duplo” também é conhecido popularmente na ficção pelo nome *doppelgänger*, substantivo composto de origem alemã, e cuja etimologia deriva da junção de dois substantivos: *doppel* (duplo, réplica) e *gänger* (ambulante, aquele que vaga). Uma tradução literal possível seria “duplo ambulante”. Segundo Julio França (2009, p. 07-08), “de modo bastante genérico, pode-se entender o duplo como qualquer modo de desdobramento do ser” que, embora sendo uma “extensão do sujeito [...] não abandona sua condição de simulacro, de mera sombra”.

O termo surgiu pela primeira vez com Jean Paul em seu romance *Siebenkäs*, de 1796, mas as raízes do “duplo” já estavam no folclore alemão há muito tempo. A lenda de que existe um ser místico capaz de copiar todas as características físicas de alguém e acompanhar essa pessoa pelo resto de sua vida deu origem a um tema ficcional amplamente explorado.

Obras como *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe, os filmes “O Duplo”, de Richard Ayoade, e “Nós”, de Jordan Peele, dentre

tantas outras, são claros exemplos de narrativas acerca do mito *doppelganger*. Logo, a lenda, a princípio do folclore alemão, se tornou uma história popular no Ocidente e cânone na ficção, assim como os lobisomens, fantasmas ou vampiros.

De tal forma, estudiosos como Carl Francis Keppler vêm sistematizando o duplo e suas diversas representações nessas histórias. Para o autor, ele é passível de sete retratos: “o perseguidor, o gêmeo, o (a) bem-amado (a), o tentador, a visão de horror, o salvador e o duplo no tempo” (Keppler, 1976, p.55). Observando suas diversas nomenclaturas, desde perseguidor a salvador, constatamos que o duplo pode ser igualmente uma figura dual. Boa ou má. Quando não, nem boa nem má, mas algo entre as duas coisas.

No conto de Coelho Neto, o duplo é então o elemento insólito principal, responsável por causar a hesitação que se estende do personagem ao leitor. Pela forma como se dá sua aparição, o duplo no conto seria uma “visão de horror”, como estabelecido por Keppler. Benito, pasmado, trata de levantar a primeira explicação para o fato: “Se tal se dá é que o meu espírito, alma, ou lá o que seja, exalou-se de mim, deixando-me apenas o corpo, como a borboleta deixa o casulo em que se opera a metamorfose” (Neto, 1927, p. 114).

Após a constatação, o corpo do personagem parece não mais responder aos seus comandos, virando uma “massa inerte”. Durante sua agonia, a imagem de seu duplo continua a encará-lo como se “gozasse” com o seu sofrimento, afirma Benito. Depois de muito esforço, o homem consegue finalmente retomar o controle de seu corpo e é tomado por alegria, pois já não via mais seu duplo:

ao procurar com os olhos o meu outro eu, não o vi mais. Teria descido ? Não ! Não descera. Tornara a mim, atraído pela vontade, na ânsia de viver [...] Eu vi-me, como te estou vendo; a mim, entendes? a mim! Como explicas tal coisa?

— Essas coisas, meu amigo, não se explicam: registam-se, são observações, fatos, elementos para a ciência do Futuro, que será, talvez, Ciência da Verdade. (Neto, 1927, p. 116).

A narrativa encerra em mistério, quando o coronel diz a seu amigo que o que ele vivenciou são coisas que não se devem explicar, apenas registrar, na esperança de que um dia uma “ciência” as compreenda. O “Mistério”, já citado anteriormente no conto, é apresentado pelo coronel quase como um poder maior. Poderia ser a soma das coisas que o ser humano é impedido, de alguma forma, de compreender. Ou simplesmente o sobrenatural. Coelho Neto, em outras obras, como a já citada “Esfinge”, apresenta personagens místicos, que possuem espiritualidade elevada e trazem para a narrativa uma perspectiva quase que “religiosa” dos fatos.

O conto “O duplo” se aproxima do fantástico puro descrito por Todorov, pois tanto as personagens quanto os leitores permanecem sem uma explicação após o final da narrativa. O elemento insólito irrompe em um cenário cotidiano, como de costume, e se dá através do enfrentamento entre Benito e sua própria imagem, que poderia ser um *doppelganger*, ou a “exalação” do seu espírito, que voltou ao corpo tomado pela vontade de continuar a viver.

1.3 “A sombra” e o cientificismo

O último conto analisado aqui, “A sombra”, diferente dos anteriores, é imbuído de cientificismo, típico da produção literária da *Belle Époque*, época de desenvolvimento científico e tecnológico. De acordo com Sousa e Araújo (2019), o conto em questão se apresenta dentro da esfera da Protociência Científica (ou ProtoFC), narrativas produzidas antes da formação da Ficção Científica (FC) e que se caracteriza pelo hibridismo de gêneros literários.

A narrativa é em primeira pessoa e se dá através de um narrador cujo nome não é mencionado. O conflito é instaurado já no primeiro parágrafo do conto, quando o personagem narrador lê no jornal uma notícia acerca de seu amigo que o perturba profundamente. Movido por esse incômodo, o personagem vai até o Quartel da Brigada, onde Avellar está especialmente detido, devido ao seu título de médico, e pelo suposto crime de ter assassinado a própria esposa, Celúta. O estranhamento se dá pelo fato de que, até onde se tem conhecimento, a mulher havia morrido de uma enfermidade: a septicemia aguda, uma infecção generalizada causada por bactéria ou fungo. E, no entanto, Avellar confessara ter assassinado a esposa:

- Então que é isto, Avellar? Que história é essa?
- É isso ... Levantou a cabeça e encarou-me sobrecenho. A face refranzia-se-lhe em crispções fulgurantes. Estás espantado, não? Pois é assim... Olhou- me d'esguelha sacudindo a perna. Acendeu outro cigarro e pôs-se a fumar. Insisti.
- Mas Avellar... que há de verdade nessa história?
- Não leste a minha confissão? Pois é aquilo. Matei- a.
- Tu!?
- Eu, sim! Eu! E então? Porque havia eu de denunciar-me se estivesse inocente? Porque? Para que? Matei-a (Neto, 1927, p. 202).

Em busca de respostas, o personagem narrador descobre a absurda história de Avellar. Ao justificar seu crime, o homem diz que a causa foi o “micróbio do ciúme” e compara o dito sentimento humano a um microorganismo, pela sua pequenez e aparente irrelevância, que é, no entanto, capaz de proliferar-se descontroladamente e alcançar magnitude. O micróbio do ciúme é um dos “micróbios do mundo moral” que o médico alega existir. Ele chegou como uma

“palavra vaga”, um “olhar”, um “cochicho”, um “risinho”, coisas que, segundo o próprio, adentraram sua alma e proliferaram em desconfianças, apesar de Avellar admitir que sua esposa não lhe dava motivos para tal.

Porém, não é apenas isso que Avellar admite: “E, queres que te diga? a mais culpada em tudo isso foi a Ciência. Foi ela que me levou ao crime, porque o ciúme... o ciúme... Não havia motivo para ciúme. Celúta era honesta” (Neto, 1927, p. 203). O homem incute a responsabilidade à ciência e entendemos isso ao decorrer do conto. Ele explica que matou Celúta lentamente, através do envenenamento com “bacilos da tuberculose e outros germes letais”.

O insólito do conto começa, de certa forma, quando é narrado por ele que, contrariando todas as leis da ciência, sua esposa, ao invés de abater-se e falecer, apresentava uma saúde inabalável, com a aparência intacta, o sono e o apetite normais. Mesmo as enxaquecas que costumava ter desapareceram. Tal fato perturbou o médico, que insatisfeito revela ao amigo a causa máxima de seu crime:

Pois ahi tens o que me desvairou. Não foi o marido o assassino, foi o bacteriologista, o homem de ciência, o prático de laboratório, entendes? o profissional que não podia compreender que um organismo, frágil como o de Celúta, resistisse ao ataque insistente de tantos vibriões (Neto, 1927, p. 203).

E então, adquire sentido a sua confissão anterior de que teria sido a Ciência a culpada de tudo isso. Poderíamos dizer que Avellar considerava, no universo do conto, um elemento insólito a boa saúde de sua esposa, e esse insólito o perturbava em níveis profundos. Causara no homem a insurgência total do cientista e afastara o homem, o marido, o ser humano dotado de sentimentos e bússola moral. Começou a enlouquecer diante da situação, esforçando-se mais ainda em seu homicídio gradual. E em seu auge, Avellar começa até mesmo a ter medo de Celúta, pois:

E o pior é que comecei a temê-la, a evitá-la, sabendo, como sabia, que toda ela era um depósito de vírus, que um pouco da sua saliva, do seu suor, do seu sangue, o mais leve contato com o seu corpo poderiam transmitir-me a morte [...] eu não a via, a ela, Celúta, não! o que eu via era uma incubadora de morte (Neto, 1927, p. 204).

Contraditoriamente, o bacteriologista começa a “apaixonar-se” pelo caso. Diz que “o marido desapareceu” e ficou o “observador apaixonado pela experiência”. No organismo de Celúta acontecia uma batalha de vários microrganismos mortais, dentre os quais bactérias e fungos, contra seu sistema imunológico ainda resistente. A mulher, apesar da demora, acabou

falecendo, e Avellar arrependeu-se por um momento, mas era tarde. Os médicos foram incapazes de realizar uma autópsia conclusiva, visto a quantidade de micróbios presentes em seu organismo e atestaram a septicemia aguda.

Não havendo terminado os acontecimentos insólitos no conto, o narrador pergunta então a Avellar por qual motivo confessara o assassinato, se os médicos não o identificaram como tal, e aqui o sobrenatural se revela:

— Se ninguém poderia saber porque te denunciaste? [...]
— Porque? Por causa da sombra. [...] A sombra de Celúta. No dia do enterro, ao voltar do cemitério, notei que, em vez de uma, duas sombras me acompanhavam. Onde quer que eu fosse tinha-as sempre comigo: uma, era a minha; outra, era a da morta. [...] a de Celúta, desapareceu ontem. Quando entrei na delegacia ela ainda me acompanhava. Subiu comigo, ficou a meu lado enquanto depus, logo, porém, que assinei a confissão, desapareceu. [...] estou só, a minha consciência já se não projeta diante de mim, a sombra da morta deixou-me em paz. Foi melhor assim. Confessei o crime, estou livre (Neto, 1927, p. 205).

Até então a narrativa mantinha-se insólita dentro das fronteiras científicas. Afinal, era possível, apesar de muito raro e não usual (como é classificado o insólito), a existência de uma explicação racional por parte da medicina para o fato de Celúta não ter adoecido com tantos germes em seu corpo. Por outro lado, um indivíduo possuir duas sombras ultrapassa as questões da ciência, ainda mais quando essa sombra supostamente é de uma morta, como acreditava Avellar.

Percebemos então o entrelaçamento da ProtoFC e do Fantástico, comentado por Sousa e Santos (2019). Avellar fizera de tudo para se livrar da sombra, mas apenas a sua confissão surtiu efeitos. Quando o cientista diz que “minha consciência já se não projeta diante de mim”, a sombra ganha uma outra possibilidade. Deixa de ser a sombra de uma pessoa morta e passa a ser a projeção da culpa pelo crime. Para Leticia Lima (*apud* Zinani, 2020, p. 140), a sombra “No imaginário coletivo, muitas vezes, simboliza a alma”. Assim, a sombra extra de Avellar poderia ser de fato a alma de Celúta assombrando-o ou uma projeção assim criada pela própria perturbação sentida em sua alma.

O conto encerra com uma reflexão do médico acerca do que vivera. Para ele, algumas “verdades quando ultrapassam os limites do conhecimento são chamadas loucuras” e encerra com o questionamento “Haverá juízes que condenem esse pobre louco?”. Apesar da loucura aparentemente ser uma sugestão na narrativa e Avellar ter enlouquecido durante o experimento com Celúta, o leitor é apresentado a uma outra interpretação da loucura: essa é apenas uma verdade que ultrapassou o explicável; o conhecido.

O insólito da obra se apresenta tanto na ciência, pela ProtoFC, quanto no sobrenatural, apresentado pelo fantástico, e a sua irresolução fica a cargo da subjetividade do leitor, dadas as possibilidades, aproximando, assim, o conto do fantástico-estranho, quando analisando-o pelos termos todorovianos, por sugerir uma explicação racional, apesar de não evidenciada (Khalil, 2013).

Considerações finais

A manifestação do insólito nas obras de Coelho Neto aqui analisadas compreendem diferentes expressões, que partem da animação de objetos, de lendas da mitologia e até mesmo da ciência. No conto “A bola”, o escritor mostra suas raízes góticas, descrevendo ambientes sombrios e sentimentos ruins, que colaboram para o produto final e, finalmente, constrói o insólito a partir dos elementos mais banais, atingindo a hesitação, que é requisito do fantástico.

No conto “O duplo”, o autor evoca o misticismo, através do personagem do coronel, como elemento de apoio para intensificar a sensação de sobrenatural experienciada durante a leitura, e manifesta o insólito através do “duplo ficcional”, que tem suas origens em lendas germânicas, sem, no entanto, conceder-lhe o total valor de sobrenatural. É a obra, dentre as três, que mais se aproxima do fantástico em sua forma pura.

Em “A sombra”, Coelho Neto produz uma obra de protoficção científica, em que há marcadamente a presença do cientista louco, e o insólito se apresenta duas vezes: na incoerência científica observada na saúde de Celúta, que causa hesitação no cientista e o leva à loucura, e na presença de duas sombras a acompanhá-lo, configurando o sobrenatural que concede à obra o caráter híbrido de ser ProtoFC e Fantástica.

Em todas as narrativas, o escritor maranhense faz acontecer, em cenários cotidianos, eventos “raros, pouco costumeiros, inabituais, inusuais, incomuns, anormais”, independente do seu enquadramento dentro da tradição fantástica ou não, como estabelecido por Flavio García. Dentro do que é entendido como insólito (em questões de gênero), em nenhum dos contos há a “fascinação superficial”, senão a própria hesitação do fantástico.

Nos finais dos contos “A sombra” e “O duplo”, por sua vez, percebe-se nos personagens uma “alheação” aos eventos insólitos, não importando a sua explicação, como diz Angélica Batista (2007, p. 62): “acaba-se por aceitar a existência do insólito e banaliza-o não por sua intangibilidade, mas por não mais se importar com ele”.

Por fim, os contos de Coelho Neto inserem-se na tradição teórica fantástica e também estão permeados de elementos insólitos, dos mais diversos. O autor destaca-se dentre os demais

autores do Maranhão exatamente pelo fato de sua produção literária abordar temas relevantes através do estranho, do sobrenatural e do insólito, como a solidão humana, observada em “A bola”, o confronto com o próprio eu, seus medos e angústias, em “O duplo”, a loucura do ciúme, os limites da ciência e o enfrentamento da culpa, em “A sombra”.

Referências

- BATISTA, Angélica Maria Santana. As (des) fronteiras do insólito na literatura: reflexões e possibilidades na contemporaneidade. In: GARCÍA, Flavio. *A banalização do insólito: questões de gênero literário-mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, p. 45-65.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CHAMPLONI, Hiolene de Jesus Moraes Oliveira. O fantástico como instrumento estético para discutir as tensões sociais na contemporaneidade. In: Congresso Internacional ABRALIC, 15, 2017, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro, 2017, p. 618-625.
- COELHO NETTO, Henrique. *Contos da Vida e da Morte*. Porto: Livraria Chardron, 1927.
- FRANÇA, Julio. O insólito e seu duplo. In: GARCIA, Flavio; MOTTA, Marcus Alexandre (org). *O insólito e seu duplo*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2009. p. 7-14.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A Literatura Fantástica: Gênero ou Modo?. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, [S. l.], v. 26, p. 18-31, dez., 2013. DOI: <https://doi.org/10.5433/1678-2054.2013v26p18>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25158>. Acesso em: 9 set. 2025.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Assombrado e medonho: o objeto na atmosfera gótica de um conto de Coelho Neto. *Organon*, Porto Alegre, v. 35, n. 69, p. 1-17, mar., 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.107853>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/107853>. Acesso em: 9 set. 2025.
- GARCÍA, Flavio. O insólito na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCÍA, Flavio. *A banalização do insólito: questões de gênero literário-mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, p. 11-22.
- KEPPLER, Carl Francis. *The literature of the second self*. Arizona: The University of Arizona Press, 1976.
- PIMENTEL, Antonio Marcos Gonçalves. A hesitação e o estranhamento ante o maravilhoso da literatura fantástica nas fábulas italianas de Ítalo Calvino. *Icarahy*, [S. l.], n. 04, p. 1-17, out., 2010.
- SOUSA, Thalita Ruth; SANTOS, Naiara Sales Araújo. A protoficção científica brasileira e sua hibridização através do fantástico: uma análise do conto “a sombra” de Coelho Neto. *Caderno de Letras*, [S. l.], n. 34, p. 409-433, 24 out., 2019. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i34.16987>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/16987>. Acesso em: 2 set. 2025.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; KNAPP, Cristina Löff. *O Insólito na Literatura Olhares Multidisciplinares*. Caxias do Sul: Educs, 2020.

Recebido em 03 de fevereiro de 2024

Aceito em 11 de outubro de 2025